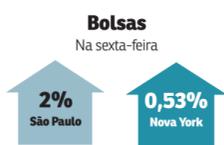




7 • Correio Braziliense — Brasília, segunda-feira, 26 de dezembro de 2022



**Últimos**

19/dezembro	5,309
20/dezembro	5,297
21/dezembro	5,202
22/dezembro	5,202

**Salário mínimo**  
**R\$ 1.212**

**Euro**  
Comercial, venda na sexta-feira  
**R\$ 5,486**

**CDI**  
Ao ano  
**13,65%**

**CDB**  
Prefixado 30 dias (ao ano)  
**13,66%**

**Inflação**  
IPCA do IBGE (em %)

Julho/2022	-0,68
Agosto/2022	-0,36
Setembro/2022	-0,29
Outubro/2022	0,59
Novembro/2022	0,41



Para especialistas, novo governo corre o risco de não entregar o crescimento prometido se não tiver disciplina fiscal

# Cenário desfavorável NO HORIZONTE

» ROSANA HESSEL

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) assumirá o terceiro mandato com desafios muito maiores do que os que enfrentou em 2003, quando foi eleito pela primeira vez para ser o servidor número um do país. Cumprir a principal promessa, de combater a pobreza, que voltou a crescer e atinge 33 milhões de brasileiros, será uma tarefa difícil, porque ele herdará uma economia mais combatida do que quando estava no poder, com Produto Interno Bruto (PIB) potencial baixo, entre 1,5% e 2%. E, sem uma boa política econômica que se preocupe também com a questão fiscal, Lula não conseguirá fazer muito mais pelo social, muito menos tirar o país da armadilha da renda média baixa, alertam especialistas. Eles lembram que a projeção de piora na questão fiscal acendeu o alerta do Banco Central que, na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), no início de dezembro, deixou a janela aberta para a volta do aumento da taxa básica da economia (Selic), atualmente em 13,75% ao ano. Com isso, o freio de mão da atividade econômica ficará puxado ao longo do próximo ano.

Na avaliação de Silber, a sinalização de Lula de retomar uma política de aumentar gastos e ressuscitar um domínio maior de empresas estatais vai ter um resultado completamente oposto da direção que ele está prometendo no combate à pobreza. “Se o presidente permanecer com essa política ruim, vamos ter um ano sem crescimento e com a inflação em aceleração. A perspectiva para 2023 é de que poderemos terminar o ano em estagnação, que é uma combinação de duas coisas ruins do ponto de vista macroeconômico: inflação alta e crescimento baixo”, explica o professor da USP.

Silber demonstra também preocupação com o discurso heterodoxo dominante entre os integrantes da equipe de transição e de Lula, criticando o mercado e defendendo aumento de gastos, e o comando do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) com o ex-ministro da Casa Civil Aloizio Mercadante. “O fim desse filme é mais do que conhecido”, frisa, em referência ao desastre da política de campeões nacionais capitaneada pela ex-presidente Dilma Rousseff (PT).

Coordenadora do Boletim Macro do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), a economista

Silvia Matos reforça o alerta sobre o processo de desaceleração da economia, que está em curso desde o terceiro trimestre deste ano. Ela, inclusive, não descarta queda do PIB no primeiro trimestre de 2023. “Os fatores positivos que ajudaram a mudar as projeções do PIB deste ano para cima, como o desempenho de serviços, não devem se repetir no próximo ano, pois o Brasil não está imune ao processo de desaceleração da economia global.

Além disso, há uma política fiscal muito incerta que piora as expectativas”, adverte.

A economista do Ibre ressalta que as projeções do mercado para a inflação voltaram a subir diante da perspectiva de uma política fiscal mais expansionista do próximo governo, a exemplo do que ocorreu com o atual, neste ano eleitoral. As projeções continuam acima do teto da meta deste ano e do próximo. “Estamos pagando um preço maior na desaceleração para encontrar a inflação mais acomodada. Com juros elevados na economia brasileira e no mundo, não é o momento para uma política fiscal expansionista. O Brasil não está em recessão, e o país ainda precisa passar pelo processo de controle da inflação”, afirma.

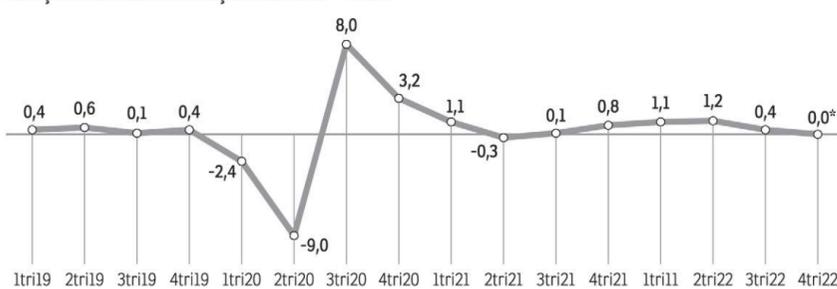
## Novos desafios

Presidente Lula assume o comando do país pela terceira vez com uma economia fraca, com dificuldade para crescer e um cenário externo bem diferente do que o encontrado no primeiro mandato

### Herança de Bolsonaro

Evolução do PIB nos últimos quatro anos mostra que o país não tem capacidade para sustentar crescimento mais forte

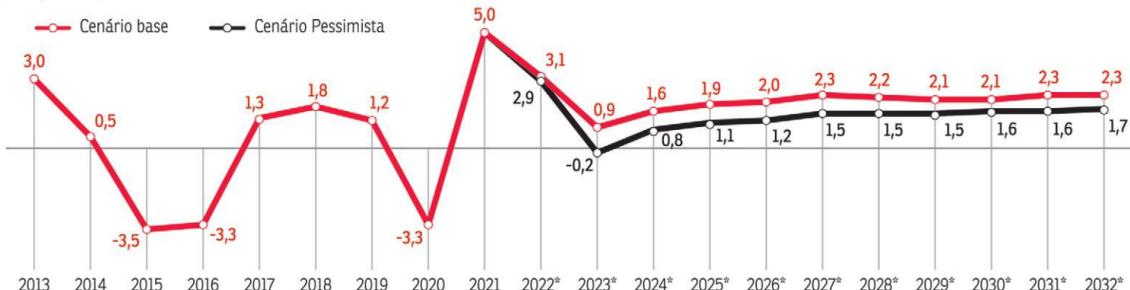
Variação do trimestre em relação ao anterior — Em %



\*Projeção FGV Ibre

### Evolução do PIB

Economia brasileira deve crescer pouco nos próximos anos, tanto no cenário base quanto no pessimista, os mais prováveis da Tendências Consultoria

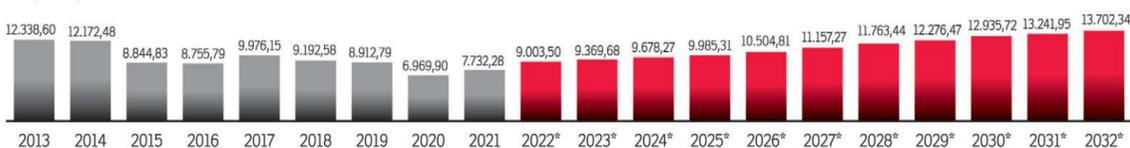


\*Projeção da Tendências no cenário base, com probabilidade de 60%, e no cenário pessimista, de 35%

### Renda média baixa

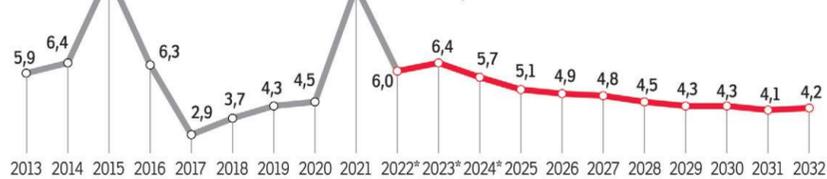
Valor do PIB per capita, na melhor das hipóteses, voltará para dois dígitos em 2026 pelas projeções da Tendências

PIB per capita (Em US\$)



### Inflação ainda alta

Apesar da queda do custo de vida em 2022, a inflação deve continuar acima da meta até 2025



Fontes: FGV Ibre e Tendências Consultoria

**1,5%**

PIB Potencial do Brasil, pelas projeções da FGV Ibre

**0,4%**

Carregamento estatístico do PIB de 2022 para o do ano seguinte estimado pelo FGV Ibre

**0,2%**

Projeção de crescimento do PIB em 2023, pelas projeções do FGV Ibre



**A perspectiva para 2023 é de que poderemos terminar o ano em estagnação, que é uma combinação de inflação alta e crescimento baixo"**

**Simão Silber,**  
professor de economia da Universidade de São Paulo (USP)

## Juros altos devem travar a atividade econômica

O mercado esperava que os juros começariam a cair em março, mas essa aposta perdeu força diante da expectativa de piora no quadro fiscal e da maior resistência da inflação, principalmente a de serviços — que deve encerrar o ano em 8%, acima dos 5,7% projetados para o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) de 2022. A inflação de serviços tem impacto em 35% do IPCA e depende do mercado de trabalho e da demanda, destaca Silvia Matos. “Com a política fiscal desancorada, será preciso mais juro para pressionar a inflação para baixo.

A única coisa positiva, embora triste, é que o efeito negativo de uma política fiscal desancorada aparece muito rápido”, alerta a economista do Ibre.

Analistas também demonstram preocupação com as sinalizações de intervencionismo, como a mudança na Lei das Estatais aprovada pela Câmara dos Deputados, reduzindo de 36 meses para 30 dias a quarentena exigida de políticos para ocuparem cargos nessas companhias — o que amplia as chances de aparelhamento das empresas públicas. Na avaliação de Silvia

Matos, tudo indica que o mercado e a sociedade não permitirão a repetição dos mesmos erros do passado, tanto que o Senado Federal, até agora, seguiu o projeto.

Evandro Buccini, diretor de Crédito Multimercados da Rio Bravo, ressalta que, diante das incertezas crescentes em relação ao novo governo, principalmente na área fiscal, não é possível descartar alta dos juros em 2023, e alerta para impactos na economia. “Não é o cenário provável. Nossa projeção é de corte, mas boa

parte do mercado fala em estabilidade dos juros ao longo do ano. Tudo vai depender do cenário doméstico.”

“Os juros estão muito altos, e não estamos vivendo um aquecimento que justifique uma desaceleração mais constante”, acrescenta. Ele lembra que, com a expectativa de inflação de 2023 e de 2025 subindo novamente nas projeções do boletim Focus, o BC não tem muito o que fazer, a não ser aumentar os juros se o novo governo não ajudar. (RH)

LEIA MAIS NA PÁGINA 8